

## Entrevista

# ENTREVISTA COM MICHAEL BURAWOY<sup>1</sup>

Realizada por Gustavo Takeshy Taniguti, Fábio Silva Tsunoda e  
Wilson Emanuel Fernandes dos Santos\*

**Revista Plural** *Você se tornou conhecido por seus estudos etnográficos sobre trabalhadores industriais em Chicago e pelos trabalhos de observação participante como operário, realizados ao longo de vinte anos, em países como Estados Unidos, Zâmbia, Hungria e Rússia. Em suas pesquisas, você desenvolveu o “método de caso estendido”. Em quê esse método é distinto?*

**Michael Burawoy** Bem, essa é uma longa história. Sumariamente, ela tem que ser entendida em dois contextos. Um contexto é o da Antropologia Social na Grã-Bretanha, onde eu fui treinado; tratava-se de um método que os antropólogos sociais usavam quando eles vinham à cidade, na África. Eles estavam estudando vilas e vieram para o meio urbano. Mas como nós, antropólogos, estudamos as cidades? Nós não podemos enclausurar as comunidades com limites claros, como uma vila. Então, eles procuraram desenvolver novas formas de compreender a cidade na África, o que envolvia estudos de casos situacionais – o que eu chamo de “análise situacional” –, estudando casos, greves, danças e vendo como eles refletem uma comunidade urbana mais ampla. Esse é um contexto. O outro é o debate que eu tinha com etnógrafos nos Estados Unidos, que praticavam aquilo que eles chamam de *grounded theory*. A ideia é de que você vá estudando situações,

---

1 Michael Burawoy possui mestrado em Sociologia pela Universidade da Zâmbia (1972) e doutorado na mesma área pela Universidade de Chicago (1976). Foi presidente da American Sociological Association (2003-2004). Atualmente, é presidente da International Sociological Association e professor da Universidade da Califórnia, Berkeley. Ao longo de sua carreira como sociólogo, Burawoy realizou pesquisas em fábricas da Zâmbia, dos Estados Unidos, da Hungria e da Rússia e desenvolveu o “método de caso estendido” para pesquisa etnográfica. Entre suas publicações mais conhecidas estão: *Manufacturing consent: changes in the labor process under monopoly capitalism*. Chicago: University of Chicago Press (1979); *The politics of production: factory regimes under capitalism and socialism*. London: Verso (1985); *Uncertain transition: ethnographies of change in the postsocialist world*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield. Edited with Katherine Verdery (1998); Por uma Sociologia pública. Ed. Alameda (em coautoria com Ruy Braga) (2008); *The extended case method: four countries, four decades, four great transformations, and one theoretical tradition*. University of California Press (2009). Em passagem pelo Brasil, quando participou de eventos acadêmicos, Burawoy concedeu à Plural, no dia 22 de outubro de 2011, esta entrevista.

\* Respectivamente, doutorando e mestrando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).

até que tente remover qualquer esquema teórico de sua cabeça. Então, olha somente para os processos sociais do contexto micro.

Alguns trabalhos muito famosos e incríveis foram feitos sob esse esquema. Erving Goffman seria um exemplo disso ou minha colega Arlie Hochschild, de alguma forma. De qualquer modo, eu pensei que basicamente o problema seria, para mim, que os estudos africanos não eram muito teóricos; eles não viam a centralidade da teoria na etnografia. O problema era que os estudos de Chicago – os estudos de *grounded theory* – eram quase sempre de caráter micro. Eles, na realidade, suspendiam o contexto mais amplo, o contexto histórico-social.

Então, o “método de caso estendido” é bastante similar a todas as etnografias, isto é, você vai adiante, estuda a situação no tempo e no espaço das pessoas envolvidas e seus espaços e tempos durante um período estendido. Não se fica lá por algumas horas ou mesmo alguns dias. Você vai lá por semanas, meses ou mesmo anos. Isso tudo é comum à *grounded theory* e ao “método de caso estendido”, e obviamente que eles [os antropólogos britânicos] fizeram isso na África.

Há algumas dimensões mais controversas: a primeira, eu estendi do micro ao macro. Estou interessado na forma como o contato com as forças macro modela as situações micro. Logo, você pode dizer que as teorias de escolha racional olham para as bases da macrossociologia. Eu olho para as bases macro da microsociologia. Então, você pode dizer que essa é uma terceira extensão. Ou melhor, a primeira extensão é quando você vai até os lugares; a segunda, quando você estende isso também no tempo; a terceira é quando você estende do macro ao micro; e a quarta extensão é que não se constrói teoria da observação, mas sim se reconstróem teorias preexistentes. Você inicia com teoria e a reconstrói com base em suas observações. Então, eu não acredito que se possa ir a algum lugar sem teoria, pois todos temos alguma. Acho, aliás, que é necessário tornar isso explícito. A ideia é, em grande parte, reconstruir a teoria. Algumas pessoas falam em sintetizar diferentes teorias, mas o ponto central talvez seja reconstruí-las, muito mais do que induzir.

Então, o “método de caso estendido” é distinto, em seus aspectos micro e macro, de começar com uma teoria e reconstruí-la. Foi assim que eu a pratiquei. Mas só aprendi isso ensinando. Não sabia o que estava fazendo, mas, quando comecei a ensinar parte dessa observação, eu tinha que explicar o que estava fazendo, então, sob essas circunstâncias, comecei a formular isso de forma mais sistemática. Então, esse livro, o “método de caso estendido”, basicamente, contém uma coleção de ensaios que escrevi nos últimos vinte anos, tentando entender o que eu realmente faço.

**Revista Plural** *Nos últimos tempos, você também tem defendido uma “Sociologia Pública”. Como esse debate tem se desenvolvido no Brasil e no mundo?*

**Michael Burawoy** Bem, no Brasil, é interessante. Eu estive na Bahia, e lá era tudo Sociologia Pública. Tudo! Eles internalizaram completamente e agora têm um nome para o que eles têm feito ao longo de décadas. Eles gostaram do nome – porque talvez alguns não gostem do nome. Mas eles parecem gostar realmente – “Sociologia Pública”. Soa bem para eles. Aquele dia foi extraordinário! Eles são sociólogos públicos espontâneos, estudam coisas que são importantes para o Brasil, com os instrumentos e as teorias da Sociologia – eles têm até mesmo o jornal deles, o CRH.

**Revista Plural** *Cadernos CRH?*

**Michael Burawoy** Isso. Ele é basicamente uma revista de Sociologia Pública. Claro que não totalmente, mas em grande parte. Ou seja, no Brasil, esse negócio de Sociologia Pública não era uma questão. Eu me lembro bem de ter ouvido, na África do Sul, que as pessoas diziam: “Sociologia Pública? Mas o que é Sociologia Pública?”. E o mesmo acontece em algumas regiões aqui no Brasil. Eu me lembro de que, quando vim aqui pela primeira vez, as pessoas me olhavam como se houvesse algo errado comigo. Elas não entendiam o que estava sendo proposto, e eu não percebia por que eles não entendiam – porque é algo bem específico; de alguma forma, já que se trata de ideia norte-americana específica, em que a Sociologia tem um caráter bem mais profissional. Então, basicamente, os sociólogos usam seu tempo escrevendo artigos para outros dois ou três outros sociólogos lerem.

**Revista Plural** *No Brasil também, de certa forma.*

**Michael Burawoy** Bem...

**Revista Plural** *Bom, de alguma forma, os sociólogos aqui vêm se tornando cada vez mais orientados no sentido da profissionalização.*

**Michael Burawoy** Nos Estados Unidos, isso é levado ao extremo – há um grande número de sociólogos, porque o sistema acadêmico é enorme; e tão enorme que as pessoas podem gastar seu tempo apenas escrevendo textos uns para os outros. Eles não encontram audiência além dos sociólogos, nem economistas e antropólogos. Nesse contexto em que a Sociologia é bastante profissionalizada, a “Sociologia Pública” é, em essência, uma posição distinta; é uma posição que se opõe, em certa medida, à Sociologia Profissional.

Quando eu pregava a Sociologia Pública nos Estados Unidos, eu ia pelo país afora falar sobre isso, e sempre havia uma ou duas pessoas nos departamentos ou faculdades que possuíam um novo sentimento sobre aquilo, porque eu estava legitimando o que eles estiveram fazendo por muitos anos, mas eles eram marginalizados em seus próprios departamentos. Então, eu dei início a um grande debate nos Estados Unidos. Basicamente, quando eu iniciei isso tudo, provavelmente em 2002 ou 2003, o debate começou nos Estados Unidos.

Eu vejo, nesse sentido, quatro tipos de Sociologia: Profissional, Pública, Crítica e Política<sup>2</sup> (*policy*). A Profissional é uma pesquisa feita para um cliente; a Pública é mais um diálogo, um debate aberto para o público em geral – bem, ela é bastante pública, mas o ponto é que é também um diálogo, muito mais que o ato de estudar alguém; a Crítica, que é importante particularmente nos Estados Unidos, onde a profissionalização é forte, tem o papel de criticar os valores profissionais e a infusão para o público; e tem a Política.

De qualquer forma, há esses quatro tipos de conhecimento sociológico, e eu os defendo sempre, pois precisam se desenvolver cada um a seu modo, já que acredito que a disciplina necessita deles. Eu era atacado por todos os lados – os profissionais me atacavam porque eu estava usando muito do meu tempo enfatizando as sociologias públicas e críticas. Os sociólogos críticos me atacavam porque eu defendia os profissionais. Os políticos pensavam que eu estava politizando a disciplina e ameaçando suas carreiras de sociólogos da política, sobretudo porque, você sabe, se os clientes pensassem que a Sociologia era apenas política, então, eles não teriam mercado. E os sociólogos públicos, por sua vez, pensavam que eu era um vendido por estar achando que a Sociologia Profissional não deveria nem existir (enquanto, na verdade, eu a estava defendendo).

O que era interessante é que onde quer que eu fosse era criticado, o que gerou um debate ainda mais amplo. Isso foi trazido à frente quando eu era presidente da American Sociological Association, porque esse foi o tema que eu trouxe e se tornou a melhor reunião da qual eles participaram. Foi em São Francisco, e estava claro que isso estava atraindo bastante interesse, principalmente dos departamentos que não eram da elite. Os departamentos da elite queriam manter uma aura de Sociologia Profissional e confinar a Sociologia Pública apenas para eles – só poderiam

---

2 O termo *policy*, na língua inglesa, designa um conjunto de iniciativas governamentais que visam a um determinado resultado para a população; em português, corresponde, grosso modo, à noção de políticas públicas. No texto, o autor parece se referir, com o termo *policy sociology*, a um conjunto de pesquisas sociológicas voltadas para a análise de políticas públicas ou mesmo pesquisas solicitadas por outra espécie de clientes, como empresas, ONGs, jornais, etc. [Nota dos entrevistadores.]

falar com o público de fato. Então, eu acredito que comecei a gerar esses debates e essas discussões em outros lugares.

Na verdade, sempre disse que minha inspiração para a Sociologia veio da África do Sul. Eu tive uma relação longa com ela, voltando na década de 1960. Lembro-me também de quando retornei para lá, em meados de 1990. Foi um momento incrível, estava claro que o *apartheid* estava em seus últimos dias. O Nelson Mandela tinha acabado de ser libertado da prisão. Então, eu fui para lá e fiquei encantado com a Sociologia que encontrei, tão engajada com o sentido de uma Sociologia do mundo. Então, esses eram lugares em que havia uma Sociologia Pública forte, mesmo que não institucionalizada. Havia outros lugares onde havia uma Sociologia Política forte – na União Soviética, por exemplo, a Sociologia sempre foi um instrumento do partido. E a Sociologia Crítica era geralmente a Sociologia da dissidência na Europa Oriental.

Então, nos vários países, você tem um balanço diferente desses quatro tipos de conhecimento sociológico, e o debate em torno da Sociologia Pública, que emergiu em diferentes lugares, reflete seus respectivos contextos nacionais. Houve algo em torno de vinte a vinte e cinco simpósios. Eles podem ser encontrados em meu *website* pessoal<sup>3</sup>. É uma longa resposta para sua pergunta. Então, ainda há um grande interesse. E eu acho que a Sociologia Pública deve ser engajada com as questões do dia a dia. Ela tem se tornado cada vez mais importante.

**Revista Plural** *É possível dizer, então, que o projeto da newsletter Diálogo Global é uma iniciativa desse tipo de Sociologia?*

**Michael Burawoy** Ora, eu criei a *Diálogo Global* porque, ao me tornar presidente da ISA [International Sociological Association], – eu havia sido o vice-presidente nos quatro anos anteriores, – então, eu tinha várias ideias sobre o que eu poderia fazer caso eu fosse eleito presidente. Era um absurdo que essa Associação Internacional de Sociologia, que existia desde 1949, não possuísse uma *newsletter*. Era um absurdo! Foi a primeira coisa que eu disse, que eu queria uma *newsletter*. Nós começamos com algo relativamente pequeno, em três ou quatro idiomas, e então ela se transformou rapidamente em algo mais ambicioso, em que mais pessoas se envolveram. Então, pensei: “O que é isso?”. Quer dizer, eu pensei que ela tinha se tornado cada vez mais uma revista. Ela deveria ser uma *newsletter*, e todos pensaram isso, mas isso era mais ou menos controverso. Ela é uma espécie de fábrica de Sociologia. Ela tem uma espécie de abordagem política. Na próxi-

---

3 Consultar: <<http://burawoy.berkeley.edu/>>.

ma edição, há um grande debate sobre a Sociologia, se ela deve ser estrita e profissional, e é sobre isso que Piotr Sztompka escreveu. Nós temos um grande debate na Sociologia contemporânea, que pode ser encontrado no *American Journal of Sociology*. Ocupamos um grande espaço nessa revista, discutindo se deveriam existir associações nacionais de Sociologia, ou seja, se há uma ou várias sociologias. Esse é o debate atual.

Eu acho que ela está se tornando cada vez mais uma revista de Sociologia Pública, e, ao mesmo tempo, há esses debates dentro da profissão, que também dizem respeito ao ISA. A *Diálogo Global* tem crescido de forma incrível. Nós a temos traduzida em onze idiomas, e há mais uma a caminho, que é a edição polonesa – então, serão doze. Eu acho que ela tem potencial. Claro, leva certo tempo, mas acho que as pessoas vão lê-la, mesmo que tenhamos que forçá-las [risos].

**Revista Plural** Além disso, a iniciativa da *Diálogo Global* traz uma questão que é o papel da internet na atualidade, a exemplo de movimentos como o Occupy Wall Street e as manifestações em Madrid e na Praça Tahrir. Em sua opinião, qual é a importância da internet como mecanismo de mobilização, informação e disseminação?

**Michael Burawoy** Obviamente, ela tornou possível esse diálogo global. De forma alguma, poderíamos imaginar fazer isso em doze idiomas. Poucas pessoas podem ir a Buenos Aires, Gotemburgo ou Yokohama, onde fizemos nossos congressos. Nós precisamos ser capazes de conversar com os sociólogos que não podem ir ao local do evento, e o mundo digital permite isso. Mas você também está perguntando sobre uma questão maior, que é o significado da mídia digital para os movimentos sociais nacionais e transnacionais. Bem, não nos restam dúvidas de que ela facilita esses movimentos. O caso mais interessante foi no Irã, antes e depois das eleições. Ficou claro que o Estado iraniano não conseguia lidar com essa interconexão incrível entre os manifestantes, e isso estava ocorrendo claramente também no Egito e na Tunísia. A cada minuto, eu fico sabendo sobre ocupações aqui e ali. Então, o conhecimento sobre tais movimentos tem se movido rapidamente: se há crise, você consegue rapidamente saber o que está acontecendo. Eu não acho que ela é a motivação ou o núcleo desses movimentos. Ela os facilita, apenas. Nós tivemos movimentos sociais antes da conexão digital. Acho que a mídia digital é uma facilitadora, mas não a causadora.

**Revista Plural** *Em seu ponto de vista, esses movimentos representam uma nova forma de resistência ao capitalismo ou exigem apenas a inserção dos excluídos no capitalismo?*

**Michael Burawoy** Bem, pode ser que ambos. Eu acho que, em primeiro lugar, eles se apresentam muito diferentes, em lugares também diferentes. Quando eu estava na Espanha, eu fui a Barcelona, estava assistindo ao que estava acontecendo lá nas praças – as montadoras, a auto-organização de grupos de pessoas, havia um monte de estudantes, jovens desempregados, havia uma ou duas pessoas idosas. Nós tínhamos uma visão de democracia participativa. Isso me lembrou alguns dos movimentos – os movimentos estudantis dos anos 1960, em que existia uma raiva similar –, sobretudo quando via tudo aquilo na Praça Tahrir. Hoje não mais. Você tinha uma sensação semelhante lá, talvez houvesse mais pessoas excluídas ali. Na Espanha, os conservadores foram ganhando popularidade, então, a atual oposição foi se tornando cada vez mais insignificante em termos de números, porém mais radical, ao mesmo tempo em que era uma oposição que, de algum modo, não foi uma clara oposição às medidas de austeridade; ao passo que, no Egito, na Índia, na Líbia ou na Tunísia, eles tinham algum tipo de oposição. No Egito e na Tunísia, por exemplo, o neoliberalismo desempenhou um papel, mas, basicamente, isso foi feito contra um regime autoritário. Enfim, eu pretendia enfatizar que elas assumem diferentes formatos, mas acho que a coisa mais interessante é a “comunalidade” (*communality*). E como se pensa a “comunalidade”? Claro, eu me perguntava sobre essa questão todo o tempo, enquanto viajava – eu tinha que ser um especialista em *Occupy Wall Street*, quando vinha ao Brasil. Quero dizer, eu, felizmente, visitei *Occupy Wall Street* e tenho algo a dizer, graças a Deus.

**Revista Plural** *Sim, foi apenas uma coincidência...*

**Michael Burawoy** Mas, na verdade, comecei a desenvolver uma teoria sobre o que está acontecendo. Eu penso no mundo capitalista atual como se ele estivesse preso, por um lado, em uma relação de exploração e, por outro, de exclusão e expropriação. E, nos mercados de outrora, esse campo de desapropriação da acumulação primitiva é o que pôs o capitalismo em marcha. Na verdade, vemos que essa expropriação e exclusão são características permanentes do capitalismo moderno. E podemos ver isso mais claramente aqui no Brasil. Mas você também vê na China, na Índia, na África do Sul, enfim, a exclusão do mercado de trabalho, da terra, de água, de ar puro. E, assim, há uma miríade de privações acontecendo ao redor do mundo. Por exemplo, você tem, por um lado, a exploração ao modo

antigo, em indústrias capitalistas que empregam trabalhadores, explorando-os, e, por outro lado, existe também o processo de exclusão. Entre os dois, há o que poderíamos chamar de “população muito precarizada”. Eu acho que esses movimentos são o reflexo da crescente importância da precariedade no mundo social. Temos dado atenção renovada à quantidade crescente de precarização que está ocorrendo no mundo. Assim vemos na Europa, nos países em industrialização, no sul do Globo e também em países menos desenvolvidos. Acho que, em países menos desenvolvidos na África, as pessoas são tão excluídas que nem sequer participam. Então, essa é a maior das lutas daqueles que temem a exclusão.

É isso que noto na Europa de hoje. Eu estava na Espanha, e um de meus amigos de lá estava fazendo uma pesquisa sobre a precarização. Então, ele fez uma descoberta: 20% da população espanhola está na pobreza, e 65% está em um estado de precariedade. Eles sentem que vão perder o emprego ou cair na pobreza – de uma forma ou de outra, não há escapatória. Mas tudo isso está em um contexto: o capital industrial, em certo sentido, tornou-se muito menos significativo do que o capital financeiro. É por isso que *Occupy Wall Street* pegou, porque era claramente uma luta simbólica contra os banqueiros, contra o capital financeiro, que é o outro lado do topo. Que diabos é esse capital financeiro? Ora, é muito difícil lutar contra o capital financeiro – para você lutar contra o capital industrial, bastava retirar seu trabalho, você entrava em greve, organizava um sindicato. É isso aí. Como diabos você luta contra o capital financeiro? Isso, em algum sentido, é simbolizado pela forma como esses grupos se recusam a fazer exigências políticas. Mas isso não vai tocar a questão do capital financeiro, pois ele está se espalhando pelo mundo.

**Revista Plural** *Está acontecendo em toda a parte. Isso também ocorre na China, na Índia...*

**Michael Burawoy** Olha, eu acho que a Europa é o foco do momento, embora ache também que existe o outro lado da moeda – é preciso saber muito mais sobre o capital financeiro, embora saibamos que ele seja quase invisível. Ele se move rapidamente. Você pode ter prédios de *Wall Street*, mas isso não é propriamente onde o capital financeiro está – porque ele está se movendo em torno do céu tão rapidamente. Mas você não pode ocupar tudo – quero dizer, é uma luta simbólica.

**Revista Plural** *E você disse à Folha de São Paulo, em uma entrevista, recentemente, que esses movimentos são muito fluidos e que é sua força e sua fraqueza ao mesmo tempo. Poderia explicar isso?*



**Michael Burawoy** De fato. Eles são bastante efêmeros. Quero dizer, eles aparecem hoje, voltam amanhã. O [movimento] espanhol desapareceu, mas nós sentimos que poderia justamente ressurgir amanhã. Não é como se fosse um sindicato, com uma estratégia clara como a que a Solidariedade construiu<sup>4</sup>. Você sabe, essas são lutas simbólicas que não necessariamente conseguem ganhos. Quer dizer, eu estive observando os alunos em Berkeley lutando contra o aumento das taxas de mensalidade. É impossível lutar contra aumento das mensalidades – eles não conseguem –; eles falham. Logo, esses movimentos não são capazes de se sustentar porque seus ativistas necessitam de alguns ganhos, alguns sucessos. E é difícil obter qualquer ganho e sucesso nesse contexto – no contexto da dominação do capital financeiro. Então, em essência, eles aparecem em levadas e depois desaparecem. Nós vimos um exemplo extremo na Bahia. Estava chovendo, mas, ainda assim, eles se conglomeraram e, de algum modo, moveram-se de uma parte da Bahia para outra, apenas para formar um grupo de cerca de vinte pessoas. Por um lado, eles desapareceram, porém, logo eles podem reaparecer. Portanto, há uma fluidez contínua. Quer dizer, é uma fraqueza e também é um ponto positivo.

Na Inglaterra, também assim ocorreu, e foi outra história interessante sobre insurgências que não teve o mesmo caráter político daqueles da França, por exemplo, ou da Espanha. Eles também evaporaram do nada; contudo, podem voltar amanhã, porque o sentimento de ressentimento, despojamento e não ingresso no mundo não vai embora nunca. Não há concessões que estão sendo feitas por todos os lados. Isso não vai se desvanecer, já que o impulso continua a existir.

**Revista Plural** *Inclusive, eles foram fortemente associados ao vandalismo pela mídia.*

**Michael Burawoy** Certo, eles eram “vandálicos”. Acho que reflete a peculiaridade da sociedade civil na Inglaterra – Thatcher e Blair, juntos, durante cerca de trinta anos ou mais –, onde a sociedade civil foi praticamente minada. Então, é isso que nós vimos como seu resultado; enquanto a Espanha tem uma sociedade civil ainda sustentável com projetos políticos dentro dele e possuem um partido socialista. Você pode imaginar isso? Não há partido socialista na Inglaterra! É como nos Estados Unidos, onde você só tem dois partidos, que, de um jeito ou de outro,

---

4 Solidariedade (*Solidarność*) foi um movimento social polonês que surgiu no início dos anos 1980. O movimento era composto por uma federação de organizações sindicais e por setores mais radicais da Igreja Católica Apostólica Romana. Foi o primeiro movimento sindical polonês anticomunista e viria posteriormente a desempenhar um papel relevante no curso do processo de abertura política polonesa, no final dos anos 1980. [Nota dos tradutores.]

não representam algo muito diferente. Eu acho que os países que lutaram contra o autoritarismo tendem a ter uma politização muito mais profunda, sobretudo nesse momento.

**Revista Plural** *Há uma última pergunta sobre sua percepção da Sociologia no Brasil. É uma questão ampla. Mas como você vê a produção sociológica brasileira e os problemas? Você vai participar da ANPOCS [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais] na próxima semana. Então, como você espera conversar e dialogar com os sociólogos brasileiros?*

**Michael Burawoy** É muito complicado. Eu não me sinto em casa aqui, no sentido de que eu não tenho um conhecimento muito bom de Sociologia brasileira. Quero dizer, quem é meu intérprete o tempo todo, vinte e quatro horas por dia? Quero dizer, a estada na Bahia foi simplesmente fantástica para vislumbrar que eles têm essa questão especial para entender a precarização. Então, obviamente, esse é um tema de importância pública grande, e eles estavam tentando fazer contribuições em torno da Sociologia, da Sociologia mundial da saúde, por exemplo. Eu não posso dizer em que medida isso é representativo dentro da Sociologia brasileira – o Brasil é um país grande –, pois há uma diversidade enorme de sociologias, e diferentes departamentos tendem a ter uma aparência muito diversa entre si. O Rio não é como São Paulo.

Portanto, é muito difícil para mim avaliar quais são os pressupostos e preconceitos que as pessoas têm sobre um sociólogo que vem dos Estados Unidos – e que não fala português. Eu gostaria de saber mais ou gostaria também de que fosse mais acessível em inglês – na verdade, gostaria também de ler em português. É claro, uma de minhas missões como presidente da ISA é trazer a Sociologia latino-americana para a ISA, porque todo o continente se envolveu em discussões e conversações, durante tantas décadas. Por volta de 1950 ou 1951, algo assim, e desde então, presumivelmente antes também, houve debates e discussões sobre o que a Sociologia deveria ser. Houve também muitos debates sobre o período das ditaduras na América Latina, o que gerou uma Sociologia muito distinta aqui e grandes contribuições, como as teorias sobre o subdesenvolvimento. E continuaram a fazê-lo: teorias sobre a colonialidade, os movimentos indígenas, o MST, que são movimentos realmente importantes sobre os quais a Sociologia deveria se debruçar mais, porque têm muito a dizer. Minha esperança é que a América Latina não precise do mundo, porque eles têm sua própria língua – quero dizer, vocês têm o português e o espanhol –, vocês têm justamente sua própria comunidade. Só acho que poderíamos aprender muito – quer dizer, nós, o resto do mundo

– com a América Latina, e, talvez, de alguma forma, vocês podem aprender algo conosco também.

O que é interessante aqui no Brasil é o pensamento francês. É incrível. É espantoso como, se você arranhar um sociólogo brasileiro, encontra um francês. É realmente interessante isso.

Enfim, espero que eu seja uma influência importante na Sociologia brasileira. É claro que a Sociologia francesa é muito distinta, ou pelo menos tem elementos distintivos. E é isso que faz com que haja interesse em conversas sobre Bourdieu aqui – ontem foi a primeira conversa que tive. De qualquer forma, sim, estes são alguns dos meus pensamentos sobre brasileiros. Claro que a Sociologia brasileira domina a América Latina, como o sul-africano domina a África; isso é outro fator importante. E, claro, os sociólogos brasileiros têm sido cada vez mais ativos em associações internacionais de sociólogos. É sempre um exército. De longe, o Brasil é o terceiro ou o quarto país mais popular a participar da ISA. Então, eles têm uma visão internacionalista, apesar de terem sido treinados muitas vezes [fora] – alguns deles foram treinados na França –, e, por isso, têm uma [visão] internacional.

A sociologia brasileira é muito fascinante, e eu gostaria de saber mais sobre ela, pois tive uma impressão melhor. Ora, eu também sou um etnógrafo, então, sinto que tenho que gastar muito mais tempo do que apenas alguns dias no Brasil. Mas, afinal, aqueles eram apenas alguns pensamentos aleatórios. Sim!

**Revista Plural** *Muito obrigado. Ok. É isso, então.*

**Michael Burawoy** Muito bom! Ótimo! Bem feito! O prazer é meu! Boa sorte! Agora temos debates mundiais.

**Revista Plural** *Você é sempre bem-vindo aqui no Brasil.*

